

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

ARTES VISUAIS

**CONSERVADORISMO AVANÇA SOBRE AS ARTES:
RAZÕES E CONSEQUÊNCIAS DA CENSURA ÀS EXPOSIÇÕES E
PERFORMANCES NO BRASIL**

Orientanda: Letícia Gonçalves do Nascimento

Orientador: Natalício Batista Junior

RESUMO

O artigo tem o intuito de investigar a fundo como foi estruturada a esfera política e econômica brasileira identificando seus aspectos dominantes, as marcas que impregnaram na sociedade e como os ideais datados no período colonial, são refletidos nos tempos atuais. O efeito em cadeia do tempo e destes agentes, impactam também sob as articulações das artes visuais – fazendo um recorte dos casos que ocorreram em 2017 como o cancelamento da exposição Queermuseu em Porto Alegre e a polêmica em torno da performance *La Betê* no MAM São Paulo. Com base nos autores Marilena Chaui, Juremir Machado Silva, Sonia Salzstein e Marcelo Braz.

Palavras-chave: Arte e censura. Conservadorismo. Autoritarismo. Estudo de caso. Política e Arte.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to thoroughly investigate how the political and economical spheres are structured, by identifying their main aspects, the traces that are still ingrained within society and how the colonial ideals are reflected in current times.

The chain reaction generated by the passing of time and the agents previously mentioned have had an impact on the structure of visual arts as well - here, we focus on the events

that occurred in 2017 with the cancellation of the Queermuseu's exhibition in Porto Alegre and the controversy surrounding the performance "La Betê" at the MAM Sao Paulo - Based on analysis by authors Marilena Chaui, Juremir Machado Silva, Sonia Salzstein and Marcelo Braz.

KEYWORDS: Art and censorship. Conservatism. Authoritarianism. Case study. Politics and Art

INTRODUÇÃO

Este artigo procura identificar, historicamente, as origens e características do conservadorismo na estrutura política e social brasileira, bem como visa apontar os mecanismos de controle e de censura por grupos sociais e o Estado na produção artística contemporânea. No contexto político atual do Brasil, o *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff foi concomitante à ascensão de grupos conservadores na sociedade civil e nos quadros institucionais do governo e do Estado brasileiros. A censura e a crítica de grupos conservadores à eventos artísticos com nudez e com significativa abordagem a temática gay e de gênero expuseram tanto o desconhecimento do público, instituições artísticas e da mídia em relação a arte contemporânea quanto a complexidade dos mecanismos e articulações de poder sobre a produção e difusão da cultura e da arte no Brasil. Nesta perspectiva, este artigo torna-se de significativa importância para pesquisadores de sociologia e história da arte e para os interessados em compreender as relações entre arte, política e sociedade.

O artigo está estruturado em quatro partes a saber: a) Brasil conservador e formação da sociedade autoritária; b) panorama político e cultural do Brasil; c) acontecimentos do mundo que o atinge e; d) censura e crítica ideológicas as artes: casos; No primeiro tópico, apontamos questões que vive no cerne da formação da política, economia e sociedade brasileira que predomina até hoje, trazendo questões do período colonial até a transição do imperialismo a formação da república, com destaque para o a crítica ao pensamento patrimonialista e eurocêntrico da elite econômica, política e intelectual brasileira, sobretudo em relação a abolição da escravatura, a reforma agrária e a corrupção desencadeada pelo mercado e o Estado.

No segundo tópico faremos um panorama dos acontecimentos políticos dos últimos quatro anos, procurando traçar as correlações com a história e as contradições do processo econômico e da formação social brasileira, historicamente, baseada na reprodução de desigualdades sociais, política e econômicas. O terceiro tópico dedica-se à análise de casos de censura, em 2017, à exposição *Queermuseu*, em Porto Alegre (RS) e à performance *La Bête* do artista Wagner Schwartz no Museu de Arte Moderna de São Paulo. No quarto e último tópico, falaremos sobre o desconforto que a arte pode ser para as manobras que o mercado tem em controlar o pensamento social.

1. BRASIL CONSERVADOR E FORMAÇÃO DA SOCIEDADE AUTORITÁRIA

A relação de poder por muitos séculos anda de mãos dadas com conservadorismo. O Brasil tem uma lacuna gigante na sua história com os resultados do colonialismo que projeta uma sombra ainda nos dias atuais.

A história colonial no país foi marcada como o “descobrimento” do mundo novo, na visão dos brancos europeus, que viam a promessa das terras com recursos inimagináveis e territórios a serem conquistados. Era necessária uma ampla mão de obra para extrair todos os tipos de recursos que podia oferecer. A escravização dos nativos ameríndios era insuficiente para os colonizadores, que por sua vez, transplantaram povos africanos para auxiliar na extração de minério, no trabalho de engenho e em serviços gerais para a classe dominante; nascia junto com a colonização a corrupção.

Os primeiros registros de práticas de ilegalidade no Brasil, que temos registro, datam do século XVI no período da colonização portuguesa. O caso mais freqüente era de funcionários públicos, encarregados de fiscalizar o contrabando e outras transgressões contra a coroa portuguesa e ao invés de cumprirem suas funções, acabavam praticando o comércio ilegal de produtos brasileiros como pau-brasil, especiarias, tabaco, ouro e diamante.¹

As primeiras divisões de terras em 1534 – as capitanias hereditárias – onde foram divididas pela corte portuguesa e entregue para capitães donatários, sendo eles os que

¹ Disponível em: <<http://www.contracorrupcao.org/2013/10/breve-historia-da-corrupcao-no-brasil.html>>.

representavam a pequena nobreza de Portugal foi feita no intuito para auxiliar no controle e na defesa de seus territórios.²

Os capitães tinham apenas o direito de posse das terras, que ainda eram propriedade da Coroa portuguesa. Cabia aos capitães explorar o terreno retirando o pau-brasil, iniciar e avaliar a produtividade de outros cultivos, explorar o curso dos rios e criar animais, incentivando a agropecuária.³

Como o plano da corte portuguesa era cada vez mais cobrar impostos em cima dos nobres a quem tinha oferecido as terras, este sistema logo veio a falência.

A mais nova nação era o cenário que se implantava a cultura administrada pelo Patrimonialismo,⁴ o favorecimento e privilégios para pessoas de vínculos sociais como amigos e laços familiares. É nesta perspectiva que surge o clientelismo que está intrinsecamente ligado ao processo de apropriação da coisa e domínio público (Estado) pelas classes dominantes.

Passando pelo Imperialismo brevemente, mais especificamente pela sua ruína, a situação era de grande insatisfação popular (donos do engenho, barões etc.) intensificando o movimento pró-independência do país. Embora os mesmos não tinham o engajamento necessário a favor da abolição da escravatura – pelo contrário – achavam uma medida inconstitucional em que se sentiam lesados e reivindicavam pela indenização de suas perdas, pois a lei “feria” o direito da propriedade privada.

Pode parecer uma conexão distante do contexto desta pesquisa, mas para entender o Brasil e a formação de uma sociedade autoritária e conservadora, o resultado destes períodos determina de forma significativa o Brasil atual, defende Juremir Machado Silva, no livro Raízes do Conservadorismo Brasileiro.

No século XIX, quem defendia a escravidão era a elite dona de escravos e com posse de terras. Suas reações por conta da abolição foi exigir que estabelecesse leis “contra a vagabundagem”, para pessoas que até então foram obrigadas a construir o país e gerar riquezas para ele.

A acumulação primitiva de capital das classes dominantes foi produto da barbárie legalizada. Jamais se pagará a devida indenização dos

² Disponível em: <<https://historiazine.com/as-capitanias-hereditarias-4f470ec4a7b3>>.

³ Idem.

⁴ Patrimonialismo é caracterizado por um Estado que não faz distinção entre o espaço público e privado. Termo originado de Max Weber

descendentes desses heróis anônimos expatriados, subjugados, espoliados, humilhados, parasitados e abusados. (SILVA, 2017, p. 11)

Toda essa revolta dos indivíduos que perderam a posse de escravos, tinha ocultamente intenções de provocar insatisfação popular chantagem e pelo medo. As imprensas da época fomentavam os mesmos discursos e manipulavam o imaginário social para interesses das classes dominantes.

[...] A abolição da escravidão inaugurou simultaneamente o longo ciclo de marginalização do negro. Uma marginalização igual, a qual acabara de expirar, a marginalização do homem livre como superior por antecipação de crimes que poderia ou não cometer. O crime maior, seria de ser negro. (SILVA, 2017, p.25)

O autor defende que a origem da mentalidade de que certos avanços sociais seriam desastrosos para a economia vem de um passado histórico de um discurso que a abolição destruiria a economia do novo mundo.

Os políticos, fazendeiros, jornalistas, barões e afins que tinham visões de mundo que foram sustentando e adaptando com o passar dos séculos que resultou no pensamento mercadológico do agronegócio, insensibilidade social das elites dominantes, o cinismo político que são caracterizados no conservadorismo atual.

2. PANORAMA POLÍTICO E CULTURAL DO BRASIL E NO MUNDO

Fazendo um recorte no tempo, passamos para os últimos 4 anos com alguns resgates anteriores. Em decorrência dos fatos no panorama político, nota-se uma grande instabilidade no mundo e no país. A crise econômica e política em estado frágil, foi a deixa que abriu espaço para o neoliberalismo e o autoritarismo crescer com força em todas as esferas.

A ascensão da direita ocorreu em períodos de crise econômica, desemprego e desesperança da população tanto no Brasil quanto nos EUA, Argentina, Leste Europeu e nos países onde ocorreram as revoltas populares que ficaram conhecidas como “Primavera Árabe”.⁵

No Brasil em 2016, a presidente Dilma Rousseff eleita democraticamente sofreu um golpe político sendo afastada do cargo. O fato de ser um governo pautado em políticas

⁵ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/933/o-golpe-e-a-imposicao-do-neoliberalismo-no-brasil>>.

sociais, pensando na redistribuição de renda, investimento nas produções internas, educação, cultura, saúde e lazer e desenvolvimento da autonomia do estado e do país, desencadeou um descontentamento das elites políticas e econômicas (que comanda o mercado internacional) com o governo. Utilizando de deslizos – veiculadas pela oligarquia das imprensas – que pudesse lesionar a imagem como “partido do povo” que o Partido dos Trabalhadores (PT) construiu no legado de seus 13 anos na presidência.

(...)O impeachment vem se constituindo recentemente, em especial na América Latina, numa forma “democrática” de depor governos que, embora já tenham servido aos interesses do grande capital, já não servem ou os contrariam em alguma medida. (BRAZ, 2017, p. 89)

Este golpe teve uma recepção peculiarmente convincente para a população geral, especialmente a classe média, pois acontecia dentro dos regulamentos democráticos e foi validado pelo legislativo e judiciário.

Criou-se uma situação, deliberada e irresponsavelmente, que afundou não apenas Dilma e seu governo, mas o próprio país foi levado a uma crise monumental que, além de seus determinantes econômicos principais, foi piorada *conscientemente* pelas classes dominantes para atingissem a qualquer custo seus objetivos políticos. (BRAZ, 2017, p. 89)

O intuito do golpe era evidente; controlar a força do Estado sem a interferência do mesmo nas negociações do mercado internacional dentro do país, levando a privatização de recursos públicos.

Ciente do seu papel, tão logo assumiu, Temer anunciou a agenda de desmanche das políticas públicas conquistadas nos últimos 13 anos. Uma das principais é a Proposta de Emenda Constitucional 241/55, que congela os investimentos sociais por 20 anos, impedindo a ampliação dos serviços públicos e acabando com a possibilidade de o Estado fazer política fiscal anticíclica, que, nas crises, é fundamental para levar a economia a crescer.⁶

Em uma passagem do livro *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro* da autora Marilena Chaui (2013, p.170), enfatiza com duas citações; uma de Caio Prado Jr e outra Fernando Novais, como a construção do país ainda se baseia no pensamento colonial em que vê o Brasil com olhos colonizadores, uma terra sujeita apenas para exploração.

⁶ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/933/o-golpe-e-a-imposicao-do-neoliberalismo-no-brasil>>.

Fazendo algumas conexões, na América Latina os acontecimentos que ocorreram em Honduras e Paraguai que antecederam ao impeachment da presidente brasileira, mostraram particularidades muito semelhantes.

Em Honduras Manuel Zelaya “foi detido em sua residência em 28 de junho de 2009 por militares que o obrigaram a deixar o país”.⁷ Em seu governo desde 2006, fez políticas públicas que avançavam timidamente, se opondo com o crescimento de guerra às drogas e dando pouca abertura para políticas neoliberais.

A oposição a ele ficou evidente, no entanto, quando Honduras, duramente afetada pela crise de 2008, se alinhou à Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (Alba) e à Venezuela que acenava com crédito, petróleo e insumos agrícolas a preços favoráveis.

Foi quando setores oligárquicos encabeçados pelos liberais passaram a articular com militares a destituição do presidente.⁸

No Paraguai em 2012, o presidente foi deposto às pressas com a argumentação pelo “fraco desempenho de suas funções”. O ex-bispo Lugo, tinha uma forte ligação com movimentos sociais de esquerda, foi eleito com a promessa de fazer a reforma agrária no seu país.⁹

Sem aliados no Congresso e com a proximidade das eleições presidenciais em abril de 2013, Lugo era cada vez mais pressionado (ele enfrentou mais de 20 ameaças de *impeachment* ao longo do mandato) e não via alternativa senão ceder à chantagem permanente. Os liberais ganharam, então, uma fugaz Presidência com Franco. Os colorados, por sua vez, conquistaram de volta o poder, com Cartes eleito meses depois. [...] observa José Carlos Rodríguez, pesquisador do Instituto Desarrollo, em Assunção, e membro consultivo do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais. “O que aconteceu nem pode ser considerado um processo jurídico de fato, pois não houve tempo hábil para Lugo se defender nem provas. Creio que o Brasil vive algo parecido nesse sentido.”¹⁰

As semelhanças destes dois ocorridos em comparação com o Brasil, são em que os presidentes depostos tinham um engajamento em políticas que promoviam o desenvolvimento social e incentivavam a autonomia do país – que os governos alçavam

⁷ Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/revista/895/honduras-e-paraguai-motivos-de-inspiracao> >.

⁸ Idem.

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

sem se prender de maneira desfavorável a mercados internacionais a fim de explorar o produto interno.

Retomando alguns pensamentos de Chaui voltado para uma observação de caráter sociológico, a autora vem com uma análise nos aspectos sociais de manifestações autoritárias.

A imagem ilusória de que o brasileiro é não-violento não passa de um mito e facilmente é quebrado ao perceber que somos domados pelo medo – de perder posses, vida, emprego – a política do terror leva-nos as seguintes constatações; se não é subordinado a ela, é a divergência que precisa ser aniquilada por ela.

Legitimada no plano do saber e cristalizada no plano das instituições, a violência é o ar que respiramos, são as ações que praticamos; interiorizada e realizada nas relações pessoais, sociais, econômicas e políticas. Porque somos seus agentes e pacientes não a percebemos, senão quando ultrapassa os limites do costumeio.

[...] A regra da política terrorista, isto é, da impossibilidade da política, é a negação definitiva das diferenças por meio da morte. [...] Sua vontade, exprimindo apenas sua própria particularidade, está ameaçada por todos os lados porque está ameaçada por todas as outras forças que também foram reduzidas, pela lógica do terror, à condição de facções. (CHAUÍ, 2013, p. 242-243.)

Se além do sermos subordinados generalizadamente por uma política do terror, vemos pelo outro lado do prisma como a ideologia age em aspectos políticos e sociais.

A lógica da ideologia omite a realidade da condição social e política de quem a veicula, ela vem camuflada de interesses gerais, fortalecendo ideias dominantes que favorecem indivíduos dominantes como a autora desenvolve no seu livro. O discurso ideológico é:

[...]feito de espaços em branco, como uma frase na qual houvesse lacunas. A coerência desse discurso (o fato de que se mantenha como uma lógica coerente e que exerça um poder sobre os sujeitos sobre e políticos) não é uma coerência nem um poder obtido *apesar* das lacunas, *apesar* dos espaços em branco, *apesar* do que fica oculto; ao contrário, é *graças aos brancos, graças às lacunas* entre as suas partes, que esse discurso se apresenta como coerente. (CHAUÍ, 2013, p. 126-127).

Muito dos discursos reproduzidos tem a intenção de fortalecer os ideais desta elite conservadora. Discursos como; liberação de porte de arma para a população se defender

de bandidos e posicionamento reacionárias contra lutas identitárias (LGBTQ, mulheres, e população negra) com o amparo da moral e bons costumes prescritos na bíblia. Por trás do véu fino do conteúdo das falas, vemos os interesses neoliberais.

O capítulo ocorrido no Brasil foi combustível para uma comoção enfiada da classe média que destilava ódio e violência com aqueles que eram favoráveis as políticas de desenvolvimento social e igualdade de classes, ou pior, que eram a favor do governo de Lula e Dilma.

Esta fúria popular ganhou forças no congresso com as bancadas BBB conhecidas como da bala (militares e empresários industrias de armas), bíblia (líderes evangélicos) e boi (empresários latifundiários).

Com a vulnerabilidade social em meio à crise política e econômica, a internet se tornou palco de debates acalorados, ferramentas de denúncia e protestos. Mas como é um espaço democrático, ela também é via de mão dupla; desatando a polarização política entre os civis e enfatizando o fenômeno dos algoritmos – que faz os usuários consumirem apenas aquilo que os interessam crescendo cada vez mais o contato com pessoas do mesmo pensamento e lidando minimamente com quem tem pensamentos divergentes – crescendo neste aspecto, os vínculos de conservadorismo e autoritarismo nas redes sociais.

3. CENSURA E CRITICA IDEOLÓGICOS AS ARTES: CASOS

Apesar da extensa carga de acontecimentos políticos, é importante perceber que realmente toda essa esfera tem um peso muito grande e consequentemente reflete nos setores de arte. Nos casos como o cancelamento da exposição *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* em Porto Alegre e a polêmica sobre a performance *La Betê* de Wagner Schwartz no MAM de São Paulo.

Os dois fatos têm em comum a reprovação popular que para validação de sua opinião se baseavam nos artigos constitucionais e no bem moral e dos bons costumes. Suas indignações se equilibravam em informações recortadas do seu contexto geral, sofrendo difamação em ambos os eventos.

A exposição Queermuseu aberta em 15 de agosto de 2017, que foi cancelada antes do seu término no dia 10 de setembro de 2017, faltando 30 dias. Devido a uma reprovação popular promovida na internet por visitantes da exposição resolveram denunciá-la por ofensas aos bons costumes que as obras supostamente incitavam.

A discussão foi alimentada por grupos religiosos e pela liderança do Movimento Brasil Livre (MBL) para o fechamento da mostra e no centro cultural Santander em Porto Alegre e boicote para o banco, alegando que a exposição promovia blasfêmia, zoofilia e pedofilia.

— Colocamos a nossa posição nas redes sociais. Não compactuamos com esse tipo de postura e discordamos que dinheiro público esteja envolvido na divulgação de pedofilia ou outras "filias". Não acredito que (*a mostra*) seja um tipo de arte. Para começar, não entendo que isso seja arte, muito menos que uma criança tenha acesso a esse tipo de coisa — afirmou.¹¹

Diante das repercussões negativas, o Banco Santander, em nota pública, pediu desculpas ao público interessado na exposição, alegando que "infelizmente, a mostra foi considerada ofensiva por algumas pessoas e grupos", prontificando-se a devolver o dinheiro recebido pela lei Rouanet para executar a exposição. Pois:

A decisão considera que a exposição foi realizada com recursos obtidos por meio da Lei Rouanet, que foi aprovada pelo Ministério da Cultura, e que é inconstitucional interferir sobre espaço destinado à promoção da cultura.

Caso o acordo não seja cumprido, o Santander Cultural pagará multa de R\$ 800 mil.¹²

Por um outro lado, ONG's e entidades que se dedicam à promoção dos direitos da população LGBT criaram um ato em repúdio à decisão do banco Santander. No entanto, o posicionamento do Ministério Público foi claro de que a exposição não continha conteúdo de apologia à pedofilia ou à zoofilia, tão pouco ofendiam símbolos religiosos. O Ministério Público deu a opção para a entidade colocar a mostra novamente à disposição, porém, o banco preferiu não atender. Conforme o termo do Ministério, o Banco terá até 18 meses para realizar duas exposições com pelo menos 08 semanas e que abordem

¹¹ Disponível no link: < https://www.huffpostbrasil.com/2018/01/11/santander-e-obrigado-a-fazer-exposicoes-sobre-diversidade-apos-cancelar-queermuseu_a_23329719/>.

¹² Idem.

temáticas como gênero e orientação sexual, étnica e de raça, liberdade de expressão e outras formas de intolerância.¹³

A evidência do poder alienante da ideologia conservadora virou um espelho, mas como a própria Marilena fala, “a finalidade da ideologia é ocultar a realidade social e política” tanto que muitas manifestações se reconfiguravam em questões da polarização política.

Em um de vários memes que produziu para o episódio, o MBL alega que sua mobilização equivale ao que chama de campanhas da “esquerda”, como a que levou ao cancelamento da peça “Os fofos encenam”, em 2013, na qual uma atriz usava maquiagem “blackface”.¹⁴

As principais preocupações do público revoltoso, era de como aquele tipo de conteúdo de afrontamento ganhou espaço em lugares que são de destaque como centro culturais, museus, galerias e afins. Principalmente quando envolve o uso do dinheiro público para financiar exposições que não são de artes “contemplativas”. Em outras palavras, configurar a lógica do pensamento que usam de dinheiro público para criticar entidades e indivíduos que disseminam discursos homofônicos, machistas e racistas.

Manifestações a favor da exposição ganhou visibilidade também com a campanha apoiada por artistas e intelectuais.

O cancelamento da mostra, junto com a polêmica envolvendo uma performance no MAM (Museu de Arte Moderna) de São Paulo, provocou reações de artistas e de intelectuais. Em outubro, foi lançada a campanha “#342 artes — Contra a censura e a difamação”.¹⁵

A princípio a exposição iria resistir indo para o Rio de Janeiro, porém sofreu mais uma censura por conta do prefeito. O Parque Lage adotou algumas medidas para fazer um financiamento coletivo para contrariar a decisão imposta sobre a exposição.

A exposição seria, então, realizada no Rio de Janeiro, pelo Museu de Arte do Rio (MAR), porém foi censurada por Marcelo Crivella, prefeito da cidade, que declarou em um vídeo que a exposição só aconteceria se fosse “no fundo do mar”.¹⁶

¹³ Idem.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/09/11/Quando-a-arte-%C3%A9-cancelada-em-Porto-Alegre-e-no-mundo>>.

¹⁵ Disponível no link: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/01/11/santander-e-obrigado-a-fazer-exposicoes-sobre-diversidade-apos-cancelar-queermuseu_a_23329719/>.

¹⁶ Disponível em: <<http://eavparquelage.rj.gov.br/queermuseu/>>.

O sucesso do *crowdfunding* foi tanto que superaram a meta estipulada. A previsão é que a exposição abra em meados de julho, de acordo com as informações do site do Parque Lage.

E a performance *La Betê* no MAM de São Paulo do coreógrafo Wagner Schwartz também não foi poupada. O artista se colocava nú a disposição de interação do público, que tinha a permissão de manipular o corpo passivo no espaço. A polemica por trás da performance foi uma filmagem gravada por um dos espectadores no momento em que uma criança acompanhada pela mãe tocava no pé do artista, a imagem sofreu um recorte de informação e foi divulgada na internet também recebendo reprovação popular justificando que o performer promovia pedofilia.

Curador da exposição, Luiz Camillo Osório afirmou que viu apenas uma criança no local, que as três performances foram restritas à noite de abertura e que havia placas sobre a nudez. Ele lembrou ainda que a nudez está presente em obras de grandes museus, como o Louvre, em Paris. "É fundamental explicitar que a nudez nessa performance não tem nenhuma conotação erótica, sexual, muito menos pornográfica", afirmou.¹⁷

No caso da performance, o trabalho que não havia uma relação com a sexualidade, veio a ter devido a repercussão. O imaginário moral construído levou a uma conexão cartesiana que assimila a imagem do que já conhece (homem nú + criança interagindo = pedofilia).

É fundamental reforçar que essa interatividade com o corpo é aberta. Cada público levaria a uma circunstância diferente. *La Bête* estabelece uma certa disposição de coisas que traz possibilidades de vivência; as experiências que pode produzir não são dadas de antemão. Por isso é absurdo que se diga que a obra é pedófila ou mesmo que pretende transmitir qualquer ideia muito organizada — os ataques só existem sob condição de ignorar essa sua instabilidade essencial. Não é cabível nem mesmo essa opinião mais bem-intencionada, que atribui à performance o objetivo de criticar a nossa visão do corpo e nos direcionar a alguma espécie de liberação. Isto impõe ao trabalho um foco de panfleto, uma eficiência de mecanismo. Mas, sem revoluções, também brincamos com os cabelos de quem gostamos: o lúdico do corpo também pode ser cotidiano, simples.¹⁸

¹⁷ Disponível no link: < https://www.huffpostbrasil.com/2018/01/11/santander-e-obrigado-a-fazer-exposicoes-sobre-diversidade-apos-cancelar-queermuseu_a_23329719/>.

¹⁸ Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/ensaio-polemica-la-bete-mam/>>.

Isto porque, o corpo masculino nunca foi visto nestas circunstâncias, a objetificação só é reconhecida quando se trata de questões morais em que o corpo é reduzido a uma função; sexo.

[...] o corpo nu é só intenção de choque porque o corpo nu é só sexual. Ou estamos vestidos ou somos predadores/objetos sexuais. Essa mesma visão se pode encontrar nos casos de mulheres impedidas de amamentar em público: o seio exposto não poderia, para alguns, ser outra coisa senão carne sexualizada e obscena. No limite, essa mesma visão está na convicção de que “prostitutas não podem ser estupradas”, ou seja, não podem ser interpretadas de outra forma, são só disponibilidade erótica. O pseudodebate apela à defesa das crianças para dispor de uma ideia de pureza que não pode ser contrariada, mas é claro como se coloca em uma estratégia mais ampla de incômodo e vontade de controle dos corpos. [...] a nudez do corpo é muito simploriamente reduzida a uma intenção de choque, mas todos podem ver que os valores, a inserção social, os impactos culturais mudam se se trata da pele nua das fotos artísticas, dos filmes pornô, das praias de nudismo, das esculturas renascentistas. Tudo se passa como se fossem outros corpos, embora tão carne e tão osso quanto sempre, na substituição dessas situações. A arte, notadamente a performance, se alimenta dessa pluralidade de concepções sobre o físico humano. Em *La Bête*, o que se dá é o corpo assimilado ao brinquedo, o corpo lúdico.¹⁹

4. POR QUE A ARTE INCOMODA

A arte em todas as suas manifestações vem com um caráter transformador. Ela e a política sempre teve uma relação conturbada, ora por conveniência ora divergências (denúncias). Isto porque, a arte tem como uma de suas funções um comprometimento social, de refletir a realidade do seu tempo. Não apenas denunciar, mas também tem o poder de promover uma revolução antropológica com a conscientização do coletivo e de uma ordem horizontal.

A professora Sonia Salzstein aborda de maneira incisiva sobre as *transformações na esfera da crítica* trazendo uma análise profunda no contexto contemporâneo, pertinente para reflexão nas artes visuais.

[...]1980 assinala o início de um processo de transformação profunda no sentido geral da atividade crítica. Tal transformação dar-se-ia, de resto, na esteira de todas as mudanças econômicas, sociais, políticas

¹⁹ Idem.

desde então em curso: a distensão das polaridades ideológicas do mundo ocidental (resultando na projeção dos EUA como potência hegemônica), a paulatina desmobilização institucional dos grandes discursos de oposição política (de partidos, movimentos sindicais, movimentos feministas, movimentos reivindicatórios de jovens – todos, bem ou mal, voltados ao projeto de uma vida pública), a emergência de movimentos pontuais e violentos de descompressão social, dos quais até agora não se sabe se são fenômeno de mudança ou, inversamente, de confirmação do *status quo* indicando a decomposição de toda possibilidade de pacto social, e sobretudo a presença crescente do mercado como novo paradigma do bem-estar social.

Paralelamente ao desprestígio crescente da política, a palavra de ordem mais ouvida das décadas de 1980 e 90 passou a ser adaptação; aos poucos e por toda parte foi se desacreditando o potencial transformador com que se costumava em outros tempos creditar a angústia e a negação, e se incentivando advento de uma subjetividade voltada ao cultivo da auto-estima a qualquer preço e à busca da aceitação social, com o que prosperam psicologias direcionadas à adaptação, bem como sentimentos corporativos e anti-republicanos. (SALZSTEIN, 2003, p.87-88).

Embora enfrentamos mudanças significativa da era moderna para a contemporânea, percebemos a necessidade da arte como emancipação para promover auto compreensão e reflexão. Mas também, percebemos que a noção crítica tem certas dificuldades de ser realizadas na atualidade.

[...] a tendência da crítica é ir se confundindo cada vez mais com a produção artística, assimilando, como seus, interesses e motivações que eram só da produção, buscando apresentar-se como uma modalidade da própria arte, reclamando um domínio morfológico e estilístico análogo ao dos trabalhos, desenvolvendo-se mesmo paralelamente a eles [...] (SALZSTEIN, 2003, p.89).

É notório também a influência neoliberalismo, que vem cada vez mais cercando as movimentações de arte (ou o que vê dela como transgressora) controlando-a e vigiando-a. Mas a crítica que ela faz é justamente sobre este modelo universal e totalizante – impregnada de um passado moderno e adaptada para o novo contexto contemporâneo – que ainda visa a padronização do conteúdo triado pelo domínio do mercado e instituições.

Mesmo a professora Salzstein tendo este posicionamento contundente sobre o contexto atual que a arte enfrenta, não podemos deixar de perceber que ainda existe uma resistência muito grande de que a arte prevalece com seu instinto transformador, exemplo

seria o posicionamento de artistas e intelectuais contra a censura e a movimentação do financiamento coletivo para promover a exposição que fora cancelada.

Por isto, percebemos algumas aproximações da visão da professora Salzstein com Chauí, quando as movimentações do mercado e a alienação predominante do pensamento ideológico resultam na repressão e censura na arte, mas ela neste momento serve como espelho para enxergarmos “nossa realidade social e política”.

Retomando a questão tratada no começo deste subtítulo; a arte incomoda porque ela tem seu potencial de elucidar e transformar e por mais que enfrente dificuldades ela ainda resiste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação da arte está intrínseca com a história, com a política e economia e percebemos que a força que ela pode ter de transformação significativa e estrutural, contestando os paradigmas do seu tempo.

O peso que carrega os interesses e a mentalidade autoritária e conservadora das elites dominantes, ecoa pelos séculos. Ela constrói ideologicamente o imaginário coletivo, dificultando que a sociedade enxergue sua verdadeira situação política e social.

O crescimento da ideologia autoritária nos poderes políticos e econômicos, vem se adaptando e ganhando força no mundo e no Brasil, isto conseqüentemente reprime as articulações da emancipação da arte, inibindo e censurando sua presença nos espaços públicos. No entanto, também é notório que há uma chama de resistência pelo seu comprometimento social que tem com o público e necessidade de quebra de padrões.

BIBLIOGRAFIA

Livros

CHAUÍ, Marilena. Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora. Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

SILVA, Juremir Machado. Raízes do conservadorismo brasileiro. São Paulo. Grupo Editorial Record. 2017.

Artigos

SALZSTEIN, Sônia. Transformações na esfera da crítica. ARS (São Paulo), São Paulo, v.1, n.1, p.83-89, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167853202003000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Junho 2018.

BRAZ, Marcelo. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 128, p. 85-103, Apr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282017000100085&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 abril 2018.

Periódicos

GOMBATA, Marsílea. Honduras e Paraguai Motivos de inspiração. Revista Carta Capital. Abr. 2016. [Online] Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/895/honduras-e-paraguai-motivos-de-inspiracao>>. Acesso em: 10 maio 2018.

FREITAS, Vagner. O golpe e a imposição do neoliberalismo – Carta capital. Jan. 2017. [Online] Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/933/o-golpe-e-a-imposicao-do-neoliberalismo-no-brasil>>. Acesso em: 6 maio 2018.

ROCHA, Camilo. Quando a arte é cancelada, em Porto Alegre e no Mundo. NEXO Jornal. Set. 2017. [Online] Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/09/11/Quando-a-arte-%C3%A9-cancelada-em-Porto-Alegre-e-no-mundo>>. Acesso em: 28 abril 2018.

RIBEIRO, Duanne. Ensaio polêmica La Betê. Revista CULT. Out. 2017. [Online] Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/ensaio-polemica-la-bete-mam/>>. Acesso em: 15 maio 2018.

Capitanias hereditárias. Revista HISTORIAZINE. [Online] Disponível em: <<https://historiazine.com/as-capitanias-hereditarias-4f470ec4a7b3>>. Acesso em: 25 maio 2018.

FERNANDES, Marcella. Santander é obrigada a fazer exposições sobre diversidade após cancelar Queermuseu. Huffpost Brasil. Jan. 2018. [Online] Disponível no link: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/01/11/santander-e-obrigado-a-fazer-exposicoes-sobre-diversidade-apos-cancelar-queermuseu_a_23329719/>. Acesso em: 26 março 2018.

Parque Lage – Queermuseu. [Online] Disponível em:
<<http://eavparquelage.rj.gov.br/queermuseu/>>. Acesso em: 18 maio 2018.

BIASON, Rita. Breve história da corrupção. MMC. [Online] Disponível em:
<<http://www.contracorrupcao.org/2013/10/breve-historia-da-corrupcao-no-brasil.html>>.
Acesso em: 5 maio 2018.